

HORMÔNIOS E MAGIA: ATRAVESSAMENTOS ENTRE A HORMONIOTERAPIA E AS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE MULHERES TRANS

André Filipe dos Santos Leite; Claudiene Santos

*Universidade Federal de Sergipe, andrefsleite@yahoo.com.br; Universidade Federal de Sergipe,
claudiensesan@gmail.com*

Resumo: Nesse artigo, analisamos a relação entre os hormônios e as experiências de vida de mulheres trans, como um aspecto simbólico do caráter místico que o aparato da saúde assume em alguns contextos. Argumentamos que o hormônio, a partir de toda uma narrativa mitológica ao seu redor, torna-se um agente social e político, que mesmo inumano, inventa possibilidades de humanidade, ao instaurar tecnologias de gênero particulares, no processo de cuidado em saúde das mulheres trans. Observamos, deste modo, como as mulheres trans se inventam nessa relação com os hormônios e como essa subjetivação se dá tanto na ordem da transformação física, quanto produzindo novos contextos discursivos e práticos sobre isso, que insistimos em chamar de saúde.

Palavras-chave: Saúde, Hormônios, Transgêneros.

Notas introdutórias

Antiandrógenos, estrógenos e progestógenos. Perlutan, ciproterona e gestadinona. Cicloprimogyna, estradiol e depopovera. Vistas assim, desprovidas de contexto, parecem palavras aleatórias que não revelam muita coisa. No máximo, talvez signifiquem um pouco mais, quando citadas em congressos de endocrinologia, quando manipuladas em laboratórios químicos ou quando manuseadas pela indústria farmacêutica. Contudo, quando essas palavras circulam para além desses espaços, habitando esquinas, adentrando fóruns de discussão na *internet*, constituindo parte do repertório de vida de determinados sujeitos, muito de sua higienização é deixada para trás. Quando suturadas às experiências de vida de mulheres trans essas simples palavras, tomam uma outra materialidade e cria-se um contexto, que coloca o próprio estatuto de significação da saúde em disputa. Assim, nesse artigo, analisamos a relação entre os hormônios e as experiências de vida trans, como um aspecto simbólico de um debate mais amplo do campo da saúde, o caráter místico que a própria saúde assume em alguns contextos.

A partir de entrevistas com 5 mulheres trans¹ e de observação acompanhante de suas trajetórias de vida, argumentamos que o hormônio torna-se um agente social e político, que mesmo inumano, inventa possibilidades de humanidade, ao instaurar tecnologias de gênero particulares, nesse processo de cuidado em saúde das mulheres trans. Observamos, deste modo, como essas mulheres se inventam nessa relação com os hormônios e como essa subjetivação se dá tanto na ordem da transformação física, quanto produzindo novos contextos discursivos e práticos sobre isso, que insistimos em chamar de saúde. Dessa forma, evidenciamos que as demandas e litígios pelo acesso aos hormônios ultrapassaram o desejo de transformação do corpo e, esse processo de disputa coloca todo um projeto de saúde em jogo, que envolve (re)pensar a vulnerabilidade a que esses corpos são expostos, tanto quando consomem, quanto quando lutam para consumir hormônios.

Corpos hormonais e a produção do feminino

Dentre as várias substâncias que percorrem isso que chamamos de corpo, os hormônios parecem assumir um aspecto bastante singular. Inicialmente, descritos pela fisiologia como mensageiros químicos responsáveis pela regulação da atividade de diversos tecidos. Depois, apropriados pela farmacologia na forma de cápsulas, comprimidos, pílulas, soluções injetáveis, emplastos, géis, etc. E assim, portanto, passíveis de serem utilizados pela clínica na transformação física dos corpos, seja o GH no nanismo, o T4 nas tireoidites, o estradiol na menopausa, a insulina no diabetes e, assim por diante. Os hormônios, contudo, guardam endereçamentos outros, que vão além da regulação das funções fisiológicas de um pretense maquinário humano e que prescindem os compostos estabilizados da farmacologia, utilizados pela clínica em suas prescrições terapêuticas de transformações morfológicas. Os hormônios

¹Considerando que o material de entrevistas transcritas não pode ser considerado de forma análoga a um banco de material biológico, entendemos que não há sentido na submissão deste trabalho à um Comitê de Ética que é orientado pelos modos de fazer pesquisa típicos das ciências biomédicas e que engessa sobremaneira as pesquisas realizadas com metodologias qualitativas. Discusso essa endossada por diversas associações de Ciências Sociais e Humanas, vide problematizações feitas por Luiz Antônio de Castro Santos (2014) e anuída pela própria instituição à qual os pesquisadores são vinculados visto que este artigo trata-se de um desdobramento da pesquisa intitulada “Mulheres transexuais: vivências, histórias e narrativas de vida na transexualidade”, que foi realizada com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), recebendo inclusive premiação durante encontro anual de pesquisa da instituição. Ressalta-se que as participantes foram contactadas, inicialmente, por meio de uma Organização não governamental e as demais por meio de indicações umas das outras (bola de neve). Todas as participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) autorizando a utilização das informações para a pesquisa.

também circulam em nossos imaginários, endereçam condutas, atravessam subjetividades, formatam ficções e constroem sonhos, que a todo custo se procura serem vividos.

Assim, ao tomarmos uma receita médica, que prescreve: “01 comprimido de 01 mg de estradiol associado a 01 comprimido de 50 mg de acetato de ciproterona por dia”, para Sara, uma de nossas entrevistadas, - sob a indicação de que com seu uso ela conseguiria as transformações físicas que tanto almeja -; parece que estamos diante desses outros endereçamentos dos hormônios, que prescindem a higiene médica e a *expertise* clínica. Essas transformações físicas tão desejadas por Sara e que motivam a prescrição médica dos referidos compostos hormonais, é a construção de um corpo marcado por signos próprios daquilo que, historicamente, vem sendo entendido como feminino. Assim, os hormônios prescritos figuram como possibilitadores de uma materialidade do próprio feminino, é como se essa feminilidade almejada por Sara, estivesse disponível naquelas pílulas brancas, cuidadosamente protegidas por cartelas de plástico e disponíveis em largos e envidraçados balcões farmacêuticos.

Dessa forma, é como se gestadinona, perlutan, estradiol, ciproterona, espironolactona e toda uma série de hormônios distribuídos nas mais diversas apresentações funcionassem como “milagrosos”, guardando em sua composição química, a “capacidade mágica” de fazer brotar seios, desenvolver quadris, tornear os corpos, aveludar a pele, fazendo surgir tudo aquilo que, culturalmente, aprendemos como representações do feminino. Diante desse quadro de pensamentos, observamos claramente o quanto os hormônios, ao viabilizar essa aproximação com um suposto universo feminino, funcionam na verdade como agentes sociais e políticos que inventam possibilidades de humanidade, por intermédio de tecnologias de gênero particulares. Os hormônios, quando inseridos no cotidiano das mulheres trans, podem ser conceituados como fluxos que fazem parte da constituição de modos de viver particulares, vide, por exemplo, o que Leda nos conta:

Na época, era uma injeção de gestadinona que eu tomava toda semana. Com um mês, meus seios já começaram a desenvolver, e pra mim aquilo era um... ahhh... quando eu vi os seios realmente surgindo eu pensei: “realmente é isso que eu quero” (LEDA).

Parece-nos que a construção dessa identidade feminina, a partir das tecnologias médicas, sejam cirúrgicas, ou nesse caso, químico-hormonais, retoma aquilo que Preciado (2008) outrora nomeou de biocapitalismo farmacopornográfico, ou seja, uma produção de corpos como interfaces tecnorgânicas, reguladas por grandes corporações em fluxos mundializados de capital, nesse caso as próprias indústrias farmacêuticas. Nesse quadro, em que os hormônios são um importante vetor de regime de governo dos sujeitos e das populações,

esse corpo feminino desejado, acaba sendo mobilizado como mercadoria que, em sua dimensão pornográfica capitalista, age na intensificação dos prazeres pela gestão de imagens de um corpo desejável. Assim, para Preciado (2008), na atuação crescente das indústrias farmacêuticas, esses corpos declinados ao feminino são capitalizados em fluxos globais, onde o medicamento – ou mais propriamente sua magia – passa a ser vetor estruturante não só de sua feminilidade, mas, inclusive de sua viabilidade enquanto sujeito.

Tomar o hormônio torna-se, então, condição pra ser reconhecida como mulher trans, especialmente no contexto das entrevistadas, em que o acesso às próteses e transformações físicas de ordem cirúrgica é mais limitado, tanto em termos financeiros, quanto em termos de mercado disponível, reclamação constante de nossas interlocutoras sobre o mercado de cirurgias estéticas em Aracaju/SE. Assim, as experiências com os hormônios aparecem, em todos os relatos, como um dos primeiros passos no caminho da transexualização:

Eu comecei a me hormonizar logo que eu fui expulsa de casa, aos 15 anos. Precisava trabalhar e o único caminho era a prostituição, mas, aí eu precisava de um corpo mais feminino, né? (ANA).

Eu comprava os hormônios na farmácia com minha amiga, logo no início, e até hoje quem aplica em mim é minha mãe (CLARA).

O que abre espaço, para pensar como modalidades de subjetivação que encontram nos fármacos um dos seus vetores mais importantes, produzem sujeitos a partir de tecnologias de gênero. Esses “corpos hormonais e hormonizados” - que, seguindo as discussões de Foucault (2012), podem ser considerados produções tecnopolíticas de um emergente regime biopolítico -; funcionam agenciando subjetividades e modos de relacionamento consigo e com outros, mediante fluxos que vão de técnicas biomoleculares a imagens sensuais e pornográficas.

Meus primeiros hormônios eu comecei a tomar com 18 anos, a partir de Catarina e Daniela, na época era gestadinona. Como não tinha médico pra atender a gente, quem orientava eram as mais antigas, né. Elas que diziam o que podia tomar, misturado com o quê. E hoje em dia tem também a internet, que ajuda horrores. (MÁRCIA)

Apesar da existência de alguns poucos ambulatórios especializados em hormonoterapia para pessoas trans em cidades brasileiras e do significativo marco legal² que garante o acesso à hormonoterapia na rede de saúde, “os conselhos das mais antigas” e a *internet* aparecem como um espaço privilegiado para a troca e composição do que se nomeia de “regimes hormonais”, isto é, conjuntos de combinações e dosagens de fármacos que visam produzir novos contornos

² Vide portaria nº 2.803 de 2013 do Ministério da Saúde que redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde.

corporais e intensificar fluxos desejantes (GALINDO et al., 2013). Essas redes outras constituídas, funcionam prescindindo da atuação médica formal nos consultórios, mas, por outro funcionam também alastrando e espreado o próprio discurso médico, que *a priori* parecia abstraído. Afinal, as trocas informais, os conselhos, as informações virtuais, se constituem como uma maneira de materialização desse discurso que circula e é apropriado pelas mulheres trans, mas, em um contexto de desigual distribuição do acesso e dos cuidados em saúde.

Exemplo desse alastramento do discurso médico que é representado com outras cores, é a produção de uma espécie de “saber hereditário”, que é passado de geração em geração, pelas “mais antigas” às “mais novinhas”. O que no mesmo movimento tanto desterritorializa a endocrinologia, como única produtora dos saberes sobre os hormônios, mas também não abandona de todo o saber médico, absorvendo e transformando muito do que lhe é endereçado. Assim, receptores celulares, interação medicamentosa, efeitos colaterais, povoam também o vocabulário dessas mulheres trans, só que sob outras matizes. Mesmo porque, ainda que essas relações atuem enquanto espaços para hormonização, se tecendo “por fora” dos circuitos formais de adstrição médica, a busca por profissionais médicos não é considerada dispensável pelas entrevistadas, conforme observa Márcia:

Mas, é importante a gente se cuidar né mona, ir no médico. Claro que algumas vezes, a gente não é bem atendida, muitos deles dizem que não sabem, que não podem atender; mas a gente tem que se cuidar, eu mesma faço sempre a mamografia
(MÁRCIA)

Por fim, seja na produção desse suposto feminino almejado, seja nas relações particulares que cada entrevistada tece com relação a esses circuitos, o que observamos é o quanto essas substâncias e seus efeitos, agenciam os corpos e os modos dessas pessoas se relacionarem com os outros. O quanto os hormônios estabelecem fluxos que, atravessados por todo um investimento do capitalismo industrial, - notavelmente na forma das indústrias farmacêuticas observadas por Preciado (2008) - que transformou o gênero num objeto privilegiado de gestão pública, movimentam novos tipos de governabilidade dos seres vivos, convertendo corpos e gêneros, constituídos quimicamente, no centro da atividade política e econômica.

Mitos, misticismos, magias, alquimias e bruxarias

Dizem, que na França medieval, um médico chamado Paracelso, - discípulo direto do grande alquimista Nicolas Flamel - já propunha o uso de alguns elementos químicos para produzir medicamentos. Diferente de seu mestre, que passou a maior parte dos anos de sua vida preocupado com a pedra filosofal, com o elixir da longa vida e com a transmutação de metais em ouro; Paracelso postulava que a Alquimia, tinha como intuito real servir como instrumento auxiliar no restabelecimento da saúde, sendo utilizada como base para o preparo dos medicamentos minerais, por meio de técnicas alquímicas de separação e purificação. Assim, antecipou muito dos princípios da homeostasia, da farmacologia e das propriedades físico-químicas de muitas substâncias.

Parece-nos, sem espanto, que os hormônios revisitam esse universo da magia, da alquimia e do misticismo. Seja pelas alterações visíveis que provocam, seja por uma série de discursos e fábulas que atravessam o seu uso. Afinal, uma substância que tem a capacidade (quase) mágica de transformar o corpo e brincar com as fronteiras de algo que construímos com tanto cuidado e esforço – no caso, as fronteiras de gênero –, não poderia fugir dessas fabulações que lhes são endereçadas. Uma delas é a figura do “nervoso” mostrada por Ana

Os hormônios, eu compro normalmente na farmácia, só que tem uns que dá muita reação no psicológico, fica suando as mãos e os pés, fico muito nervosa. Eu até cheguei a ir ao médico, aí eu fiz os exames, perguntei se tinha problema. Eu já fui muito mais hormonizada, mas como eu trabalho com as anatomias humanas, tem que usar o pênis, neh, e eles fazem questão de pegar uma mulher com o pênis duro (ANA).

A ideia do “nervoso” causado pelo uso dos hormônios, expressa por Ana, foi unanimidade entre as entrevistadas, e também pode ser observado nos trabalhos de Pelúcio (2005) com as travestis paulistas. Contudo, muito mais que um pretense efeito colateral secundário ao (ab)uso dos hormônios, esse “nervoso” funciona tanto atualizando a aura mágica que atravessa o uso dos hormônios - afinal toda magia tem um pouco de consequência - mas, também funciona como engrenagem dessa tecnologia químico-corporal, que materializa uma rede de discursos sobre esses corpos, constituindo-se assim como mito estruturante e constitutivo da própria experiência como mulher trans. Afinal, não se tem acesso a essa ideia de “nervoso”, sem que antes haja uma significação cultural da própria ideia do que é esse “nervoso” e que, portanto torne esse mito possível. Essa significação cultural revisita a ideia de irritabilidade e de instabilidade atribuída em relação ao que é “próprio” do feminino pelos hormônios, mais especialmente, a figura da mulher histérica constituída pela psicanálise freudiana do início do século XX. Dessa forma, tornar-se mulher, conecta-se a essa ideia de instabilidade emocional, oriunda dos processos fisiológicos hormonais de seus corpos, conectando assim fisiologia e endocrinologia ao mundo do simbólico, da cultura, da política.

Processo esse de contaminação, que não se interdita aí. Outro dos “poderes mágicos” dos hormônios, além de mexer com a estrutura física e psicológica das mulheres trans, é aquele que atravessa as construções sobre seus prazeres. Um exemplo claro é a reclamação de Ana sobre a diminuição de sua libido, o que inclusive chega a atrapalhar seu trabalho na prostituição. Mais uma vez não são só supostos efeitos colaterais químicos que estão em jogo, não é simplesmente uma diminuição da libido, como se isso encerrasse em si um mero fenômeno orgânico. O que está em jogo é um gerenciamento e uma construção do corpo das mulheres trans como “estéreis” sexualmente, sem prazer, sem direito a tanto. Afinal, se às mulheres cabe a supressão da sua libido, através da redução de sua sexualidade ao exercício da maternidade (ROHDEN, 2001), em analogia, às mulheres trans de “verdade” cabe essa supressão da libido por via das tecnologias químico-corporais. Assim, o prazer lhes é, de todo modo, negado. Contudo, fissuras despontam, seja quando elas precisam do pênis para trabalhar, como aponta Ana, ou, seja porque elas requerem o direito de usá-lo, como Leda assinala, que quando um homem está fazendo sexo oral nela, ela imagina que ele está chupando seu clitóris de 20 cm.

Todavia, a magia é algo da ordem do imaterial e que, muitas vezes, escorre pelos dedos, quando os rituais não são devidamente representados. Nesse sentido, Clara aponta que

Tem um tabu entre nós transexuais de que quando nós tomamos hormônios e ejaculamos, o hormônio sai todo na ejaculação. Se eu ejaculo hoje, eu já olho pra minha mão e vejo um monte de veia, aí me dá uma agonia, vixe! To precisando de hormônio urgente (CLARA).

Da mesma forma que os hormônios transformam pessoas e fazem pessoas, eles também, dado seu caráter mágico, vão embora, caso o encanto se quebre. A fala de Clara, mostra o quanto essas tecnologias químico-corporais, atuam na produção de um feminino idealizado, por rituais tanto mágicos quanto (al)químicos, seja na produção de um feminino através da alteração física, seja pelas interdições colocadas pelos mitos e simbologias em torno da correta utilização e gerenciamento desses hormônios. Esse exemplo trazido por Clara se conecta com o que foi trazido por Ana e fala, sobretudo, de uma regulação dos prazeres e dos desejos das mulheres trans, que mesmo que se queira estabilizar quimicamente, estão em constante fluxo e deslocamento, sendo definidos e redefinidos ao longo do processo hormonização. Assim, como a magia do hormônio, o gênero parece ser sintético, maleável, variável e suscetível de ser transferido, imitado, produzido e reproduzido.

Para além desses efeitos particulares e desses mitos construídos acerca do uso dos hormônios, parece-nos que a estrutura mágica é algo que não apenas atravessa essa relação das mulheres trans com os hormônios, mas que permeia todo o aparato da saúde. Os discursos,

endereçamentos, rituais e mitologias que atravessam o uso dos hormônios e suas consequências também podem ser encontrados em outros âmbitos do aparato da saúde. Os pânicos que cercam algumas doenças, os temores que se tem sobre anestesia, os mitos construídos sobre um potencial salvador das cirurgias, as fábulas que se constroem em torno da alimentação, etc. Resta investigar as possibilidades abertas por esse aspecto mágico, que permeiam não só os exemplos citados das relações entre mulheres trans e hormônios, mas que transborda em toda a saúde.

Para pensar outros possíveis em saúde

Não é de todo estranha essa relação da saúde com o universo do místico. Basta que revisitemos as linhas da medicina chinesa, as agulhas da acupuntura, os rituais xamânicos das religiões africanas, etc. Entretanto, por mais que esses exemplos se mostrem assim tão claros, parece que quando atravessamos o meridiano de *Greenwich* essa saúde se transforma, e para representar fidedignamente o espírito ocidental, se despoja de tudo aquilo que pode parecer pouco científico, daí extirpar – ou pelo menos tentar – todo e qualquer resquício de magia de seus fazeres. Contudo, de modo algum, essa relação da saúde com o universo místico habita apenas um lado do orbe terrestre; ela atravessa também, isso que se tem chamado de medicina ocidental contemporânea. A relação das mulheres trans com os hormônios funciona como uma alegoria simbólica deste misticismo, apontando para o quanto o aparato médico é regulado e perpassado pelo insondável. Possibilitando que assim pensemos outras contaminações da saúde pela magia, ou dito de uma melhor forma, evidenciando o quanto desde sempre, já é a própria saúde em sua relação com o outro, permeada por alquimias, misticismos e bruxarias.

Ao propor essa contaminação mística possibilitando pensar temas como desterritorialização de posições de poder, mitos que atravessam os cuidados em saúde e a produção de subjetividades por intermédio de tecnologias farmacológicas; podemos transbordar essas possibilidades para outros espaços, que assim como as experiências trans, se encontram resumidos a protocolos clínicos, orientações epidemiológicas e formatações patológicas. Assim, o exercício que aqui encenamos pode facilmente ser transposto para outras esferas de atuação médica, ensaiando outros modos possíveis dos fazeres em saúde. Podemos, a partir desses marcos, pensar o pânico moral sobre as pessoas em (ab)uso de drogas, os estigmas às pessoas em situação de prostituição, a infantilização dos considerados “enfermos mentais”, a prática de culpabilização de pessoas obesas, a violência obstétrica a que muitas

gestantes são submetidas, e de um modo geral, a falta de autonomia e protagonismo de diversos pacientes e sua cooptação pelo mercado farmacêutico. Assim, o fazer do campo da saúde pode criar novos campos de inteligibilidade, novas narrativas possíveis, ao abrir espaço também para se pensar o outro, também como agente, nos cuidados em saúde.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GALINDO, Dolores; MÉLLO, Ricardo; VILELA, Renata. Modos de Viver Pulsáteis: navegando nas comunidades Trans sobre hormônios. **Rev. Polis e Psique**, v. 2, n. 3, p. 19-42, 2013.

PELÚCIO, Larissa. Toda Quebrada na Plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos**, v. 6, n. 1, p. 97-112, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Testo yonki**. Madrid: Espasa, 2008.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. Crítica aos atuais comitês de ética na pesquisa no Brasil. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 364-366, 2014.